



|                                   |                                                  |                         |                       |                                                  |                      |                                          |                                                                                                                       |
|-----------------------------------|--------------------------------------------------|-------------------------|-----------------------|--------------------------------------------------|----------------------|------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Bolsas</b><br>Na segunda-feira | <b>Pontuação B3</b><br>IBovespa nos últimos dias | <b>Dólar</b><br>Últimos | <b>Salário mínimo</b> | <b>Euro</b><br>Comercial, venda na segunda-feira | <b>CDI</b><br>Ao ano | <b>CDB</b><br>Prefixado 30 dias (ao ano) | <b>Inflação</b><br>IPCA do IBGE (em %)                                                                                |
| 0%<br>São Paulo                   | 1,32%<br>Nova York                               | R\$ 5,087<br>(+ 0,33%)  | R\$ 1.621             | R\$ 5,855                                        | 14,15%               | 13,95%                                   | IPCA do IBGE (em %)<br>Fevereiro/2026 0,70<br>Março/2026 0,88<br>Abril/2026 0,67<br>Maio/2026 0,58<br>junho/2026 0,16 |

CONTROLE DA INFLAÇÃO

# Mercado aposta em novo corte na Selic

Para analistas, o Comitê de Política Monetária (Copom) deverá reduzir a taxa básica a 14% ao ano, na reunião que começa hoje e termina amanhã. Não há consenso, contudo, de que o BC siga com a política de redução dos juros este ano

» ROSANA HESSEL

O Banco Central começa, hoje, o primeiro dia da quinta reunião do ano do Comitê de Política Monetária (Copom), e o consenso entre analistas do mercado financeiro é de uma redução na taxa básica da economia (Selic) de 0,25 ponto percentual, para 14% ao ano. Será o quarto corte consecutivo nos juros básicos do atual ciclo de afrouxamento, iniciado em março.

Para a reunião seguinte, em setembro, ainda há dúvidas se haverá continuidade desse mesmo corte às vésperas do primeiro turno das eleições presidenciais. De acordo com os especialistas, nesta semana, apesar da redução das estimativas do mercado para a taxa Selic no fim deste ano, o Copom não deverá deixar a porta aberta para um novo corte nos juros. A expectativa dos analistas ouvidos pelo **Correio** é de que o ciclo de cortes dos juros possa ter chegado ao fim nesta semana, apesar dos dados recentes de uma inflação mais frouxa em julho.

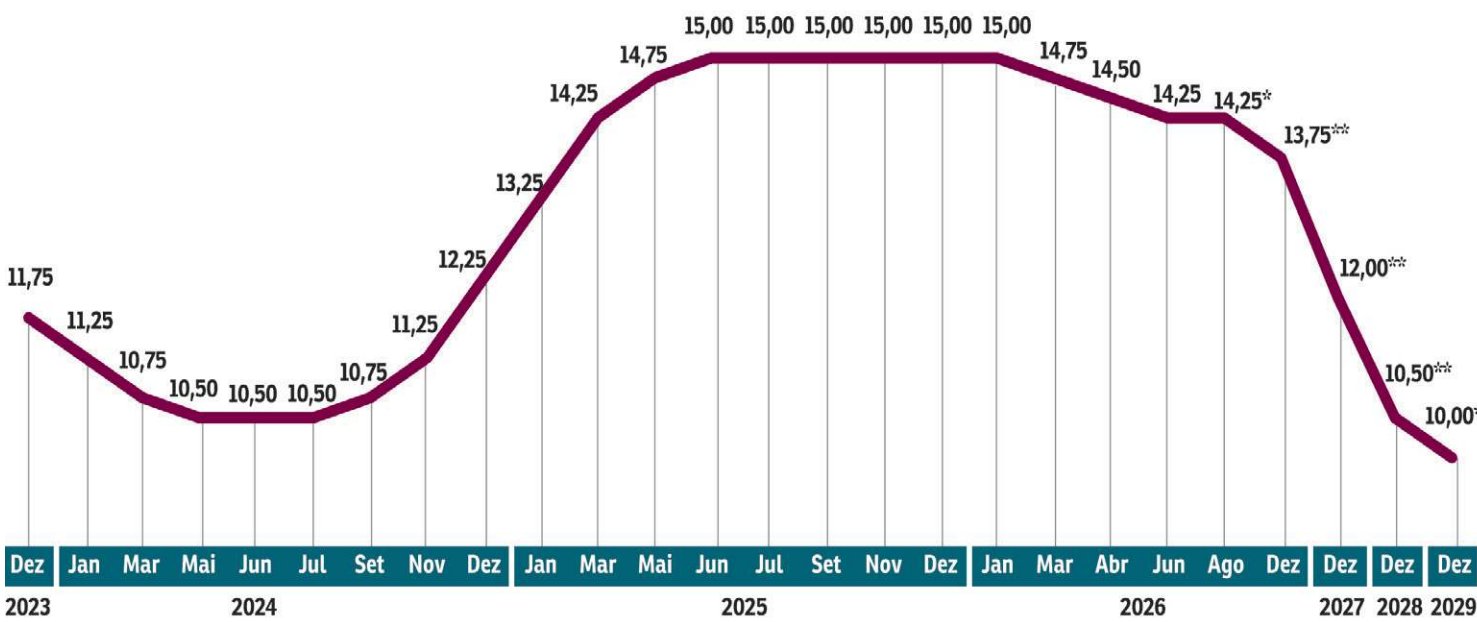
Segundo esses especialistas, o espaço para uma nova redução da taxa Selic está cada vez menor diante do aumento das incertezas em relação ao conflito no Oriente Médio e os impactos nos preços dos combustíveis, e também à perspectiva do fenômeno climático El Niño nos preços dos alimentos. Além disso, a política fiscal expansionista do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que tem intensificado os desembolsos com a aproximação das eleições, também dificulta o trabalho do Banco Central em trazer a inflação para o centro da meta, tanto para o fim de 2027 quanto para o primeiro trimestre de 2028 — o novo horizonte relevante do Copom, antecipado na reunião de junho, quando o comunicado do colegiado deixou o mercado um tanto confuso, inclusive.

Apesar de a inflação oficial ter dado sinais de desaceleração nos dados mais recentes, a perspectiva de piora de pressões inflacionárias para 2027, devido ao impacto do fenômeno climático El Niño nos preços dos alimentos devem acender o alerta dos diretores do BC. Os especialistas apontam que está havendo uma desancoragem das expectativas para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), tanto para

## Histórico

Evolução da taxa básica da economia (Selic) nas últimas decisões do Comitê de Política Monetária (Copom)

Taxa Selic - Em %



\*Consenso do mercado para a decisão de quarta-feira do Copom  
Mediana das estimativas do mercado coletadas pelo Banco Central em 31 de julho de 2026

Fontes: Banco Central e analistas

2027 quanto para 2028, que estão se distanciando do centro da meta de 3%, que é o horizonte relevante monitorado pela política monetária.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a prévia do IPCA de julho, o IPCA-15, apresentou uma desaceleração de 0,41%, em junho, para 0,06%, em julho, acumulando alta de 4,52% em 12 meses — resultado bem abaixo das estimativas do mercado, que estavam acima de 0,20%. Mesmo com esse dado menor do que o esperado, o economista Fábio Romão, da consultoria 4 Intelligence — que previa 0,17% no IPCA-15 de julho —, prevê o último corte na taxa Selic nesta semana para 14% anuais, devido ao elevado grau de incertezas nos mercados interno e externo. “Por ora, em razão das incertezas que cercam o cenário internacional e doméstico, esperamos que este seja o derradeiro movimento deste ciclo de calibração”, afirmou.

Caio Megale, economista-chefe da XP Investimentos, também aposta em um corte derradeiro da taxa Selic, para 14% ao ano, na reunião desta semana do Copom, apesar de a inflação de julho apresentar sinais de desaceleração maior

do que o esperado pelo mercado. “O nosso cenário-base ainda é esse de um corte de 0,25 ponto percentual, na taxa Selic, para 14% ao ano, e, depois, para, porque a inflação pode reacelerar lá na frente com El Niño e ainda tem os impulsos fiscais do governo e o petróleo que ainda está perto de US\$ 85 o barril. Enfim, tem algumas pressões ainda e, como o desemprego está bem baixo, acho que o Copom pode ser mais conservador no curto prazo, e procurar esperar um pouquinho mais para ter mais certeza lá na frente para voltar a reduzir os juros”, explicou.

Megale reconheceu, contudo, que, como a inflação veio melhor no curto prazo, a probabilidade de mais um corte em setembro aumenta, mas se houver um cenário em que a atividade econômica esteja cedendo aos juros mais altos e a pressão inflacionária esteja diminuindo, apesar dos impulsos fiscais. “Mas acreditamos que no fim, o Copom vai mesmo cortar os juros em 0,25 ponto percentual, e não dar nenhuma sinalização clara e esperar os dados para ver se essa desaceleração da inflação é permanente ou temporária para decidir na próxima reunião”, acrescentou.

Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, lembrou que o consenso do mercado é de que haverá corte na taxa Selic para 14% na reunião do Copom desta semana e que a grande dúvida vai ser o que o BC vai sinalizar para a próxima. “Apesar de o mercado estar com corte adicional de 0,25 ponto percentual, ainda não está muito claro exatamente o que vai acontecer em setembro, porque estamos falando de um período muito próximo das eleições. A inflação está cedendo nos últimos dias, e isso é uma possibilidade para um novo corte, mas tem um efeito que o BC precisa trabalhar e que não está muito claro que é o El Niño, que está vindo muito forte e vai ter um impacto expressivo na inflação de elementos no ano que vem”, alertou Vale.

O economista lembrou que o Copom vai precisar ter um cuidado adicional na próxima decisão também porque a inflação pode estar cedendo agora, mas, olhando para frente, ainda vai ser muito arriscado continuar reduzindo os juros. “A gente espera que tenha menos tumulto do que foram os últimos comunicados, que foram muito tensos e talvez um pouco mal-elaborados. Talvez, ter um comunicado

seja bem mais cuidadoso e mais objetivo, talvez ajude mais a diminuir um pouco das incertezas que estavam no mercado desde a última decisão”, afirmou.

Apesar de ponderar que o BC não deveria cortar os juros, o economista-chefe da G5 Partners, Luis Otávio Leal, também espera redução na taxa básica para 14% nesta semana. Para ele, o BC vai aproveitar que a inflação corrente está caindo para reduzir os juros agora. “E uma questão interessante é que, na reunião de setembro, o último número que o Copom terá para o IPCA de agosto será negativo, por causa do bônus de Itaipu. Então, sim, há uma possibilidade não desprezível de o Copom reduzir os juros em setembro também, inclusive a curva de juros dá uma probabilidade de 57% de isso acontecer”, explicou ele, alertando para um efeito contábil no indicador da inflação oficial que precisará ser levado em conta, justamente às vésperas do primeiro turno das eleições.

“Agora, eu acho que o BC não deveria cortar os juros em setembro. Além das incertezas em relação à política econômica do próximo governo, as expectativas de

inflação para 2027 e 2028 estão piorando, mesmo com as de 2026 melhorando o que é uma prova do desconforto do mercado com as indicações do BC”, alertou. “Existe uma regra no bolso dos banqueiros centrais de que não se deve mudar a política monetária próximo de uma eleição majoritária. Agora, isso não está escrito na pedra, tanto que, nas últimas eleições norte-americanas o Fed cortou os juros mais do que o esperado há pouco mais de um mês do pleito”, disse Leal, mencionando um dos motivos para a deterioração das relações entre o ex-presidente do Fed Jerome Powell e o atual presidente dos EUA, Donald Trump.

Diante desse cenário, na avaliação dos especialistas, a queda da Selic em setembro só deverá ocorrer se houver uma piora muito grave no mercado de trabalho e na atividade econômica. Vale lembrar o aumento dos gastos crescentes e os juros elevados seguem pesando no forte aumento da dívida pública bruta do setor público federal — incluindo governo federal, Previdência social, estados, municípios e estatais federais —, que chegou a 81,9% do Produto Interno Bruto — o maior patamar desde abril de 2021, somando R\$ 10,8 trilhões, nível considerado preocupante para um país emergente que paga juros de dois dígitos, que acaba dobrando de tamanho em até sete anos.

Nos Estados Unidos, devido ao aumento das incertezas externas, especialmente com o conflito no Oriente Médio, as apostas são de aumento de juros pelo Federal Reserve (Fed, banco central norte-americano), que, na semana passada, manteve os juros básicos entre 3,50% e 3,75% ao ano. Por aqui, conforme dados da pesquisa semanal Focus, do Banco Central, a mediana das estimativas do mercado financeiro para taxa Selic no fim de 2026 recuou pela primeira vez desde março, passando de 14% para 13,75%. Contudo, os juros seguem acima de 10% até 2029. A mediana das estimativas para a inflação oficial, medida pelo IPCA, também recuou, passando de 5,12%, na semana passada, para 5,03%, nesta semana, ainda acima do teto da meta, de 4,50%. A mediana das previsões para o IPCA em 2027 e 2028 ficaram estáveis em 4,22% e 3,80%, respectivamente.

## INFRAESTRUTURA

# Produção de petróleo e gás cresce 19,7%

» PEDRO JOSÉ\*

A produção brasileira de petróleo e gás natural alcançou 5,842 milhões de barris de óleo equivalente por dia (boe/d) em junho de 2026, segundo dados divulgados, ontem, pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). O desempenho foi impulsionado pelo avanço da produção no pré-sal, que respondeu por 82% de todo o volume extraído no país.

A produção de petróleo somou 4,475 milhões de barris por dia (bbl/d), alta de 4% em relação a maio e de 19,1% na comparação

com junho de 2025. Já a produção de gás natural atingiu 217,35 milhões de metros cúbicos por dia (m³/d), crescimento de 5,5% frente ao mês anterior e de 19,7% na comparação anual.

O pré-sal produziu 4,788 milhões de boe/d, sendo 3,699 milhões de barris diários de petróleo e 173,19 milhões de metros cúbicos por dia de gás natural. A produção foi obtida a partir de 198 poços e registrou crescimento de 4,2% em relação a maio e de 24% na comparação com junho do ano passado.

Segundo a ANP, o aproveitamento do gás natural permaneceu elevado, alcançando 97% da

produção. Ao todo, 64,36 milhões de metros cúbicos por dia foram disponibilizados ao mercado.

A queima de gás natural totalizou 6,63 milhões de metros cúbicos por dia, volume 12,9% superior ao registrado em maio. De acordo com a agência, o aumento ocorreu, principalmente, em razão da fase de comissionamento da plataforma P-79, instalada no campo de Búzios.

## Gás na Colômbia

A Petrobras também confirmou, ontem, a descoberta de uma nova acumulação de gás natural no poço

exploratório Sandia-1, localizado no Bloco GUA-OFF-0, em águas profundas da Colômbia. O poço está situado a cerca de 42 quilômetros da costa colombiana, em uma lâmina d’água de 1.251 metros.

A área também abriga outras descobertas relevantes, estando localizada a 18 quilômetros dos poços Sirius-1 e Sirius-2 e a apenas nove quilômetros do poço Copoazu-1.

A perfuração do Sandia-1 foi iniciada em 12 de junho e alcançou sua profundidade final em 29 de julho.

\*Estagiário sob a supervisão de Edla Lula

Agência Petrobras



A perfuração do poço Sandia-1, na Colômbia, teve início em junho